

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

MORAES, José. *José Moraes (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1999. 30 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

JOSÉ MORAES
(depoimento, 1998)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 08/12/1998

duração: 1h 25min

fitas cassete: 02

páginas: 30

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado se justificou pelo fato de ter sido engenheiro eletricitista da Escola de Itajubá e trabalhado nas primeiras expansões da CSN.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Companhia Siderúrgica Nacional, Força Expedicionária Brasileira (1943-1945), Indústria Siderúrgica, José Moraes, Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Volta Redonda.

Sumário

Entrevista: 08.12.1998

Origens familiares; participação do entrevistado na Força Expedicionária Brasileira (FEB): a convocação em 1944, a atuação no centro de mensagem do Batalhão de Engenharia, comentários sobre os recursos da tropa brasileira, explicações sobre o trabalho de criptografia, a seleção para o trabalho no centro de mensagem, a volta para o Brasil; comentários sobre a formação dos irmãos e do pai; o curso de engenharia elétrica no Instituto Eletrotécnico de Itajubá: vida de estudante na cidade, rotina dos estudos, professores, comentários sobre a opção pelo curso de engenharia, a repercussão dos debates e dos projetos nacionais de desenvolvimento; ida para Volta Redonda em 1952: a primeira visita para conhecer a cidade e a companhia, outras ofertas de emprego e a opção por trabalhar na CSN, primeiras impressões sobre a cidade, comentários sobre a assistência médica oferecida pela companhia; comentários sobre a esposa e seu trabalho na área de educação; menção à participação do entrevistado nas obras de expansão da usina; comentários sobre o trabalho do entrevistado como chefe da divisão de redução a frio; rápido comentário sobre o projeto elétrico da usina; detalhes sobre o cotidiano em Volta Redonda: a vida no hotel, o controle sobre o trabalho dos funcionários, a rotina de trabalho; observações sobre o problema de falta de energia elétrica na usina; comparação entre os processos de laminação, decapagem e recozimento de uma bobina de aço antes e depois da automação da operação; rápida discussão sobre a participação da população de Volta Redonda na composição da mão-de-obra da usina; comentários sobre o trabalho do entrevistado como sub-chefe do departamento de chapas finas; observações sobre o processo de estanhamento; considerações sobre a relação da Light com a CSN; explicações sobre a utilização de fornos elétricos; a casa que o entrevistado recebeu da companhia; comentários sobre a vida política em Volta Redonda: a emancipação da cidade e a atuação do sindicato dos metalúrgicos; observações sobre a visita de Getúlio Vargas à usina e a repercussão de sua morte; avaliação da importância da CSN para a vida particular do entrevistado e para o Brasil.

Entrevista: 08.12.1998

I.F.- Dr. José Moraes, seu nome completo é esse?

J.M.- Exato, é. Completo, José Moraes.

I.F.- Normalmente chamam o senhor como? Dr. José ou Dr. Moraes?

J.M.- Moraes.

I.F.- Nós estivemos aqui uma vez conversando com o senhor e combinamos fazer essa entrevista sobre os primeiros anos da Companhia Siderúrgica Nacional. O senhor disse que veio para cá em 1952.

J.M.- É, em abril de 1952. No dia 15 de abril de 1952 entrei na Companhia.

I.F.- E eu soube também que o senhor formou-se em engenharia de eletricidade.

J.M.- Eletricidade em Itajubá, na Escola Federal de Engenharia de Itajubá, que naquela época era o Instituto Eletrotécnico de Itajubá — era o nome da escola.

I.F.- Era a grande escola de engenharia eletrotécnica do Brasil, não é?

J.M.- É, exato. Muitos formandos de lá vinham, facilmente, arrumar emprego no Brasil todo e, principalmente, aqui em Volta Redonda, onde teve um núcleo grande de engenheiros de lá.

I.F.- E o senhor nasceu onde?

J.M.- Eu nasci em Brasópolis, no sul de Minas.

I.F.- E a família era de engenheiros?

J.M.- A família era de médicos, meu pai era médico. Minha mãe era professora e o meu pessoal era mais ligado à educação.

V.A.- O senhor nasceu quando?

J.M.- Eu nasci em 6 de junho de 1922. Estou com 76 anos, fiz agora.

I.F.- E o senhor escolheu engenharia por quê?

J.M.- Principalmente porque eu gostava de engenharia elétrica e porque em Itajubá, uma cidade a 30 quilômetros da minha cidade, ficava para mim muito mais fácil estudar. Lá tinha tudo: tinha vestibular, tinha o colégio do segundo grau... Então eu fiz quase todo o segundo grau lá, fiz vestibular e entrei na Escola.

I.F.- Já foi fazer o segundo grau pensando em fazer engenharia?

J.M.- Em fazer a engenharia elétrica.

V.A.- Quando o senhor entrou na faculdade de Itajubá? Em que ano?

J.M.- Em 1947. É, em 44 fui convocado e fui para a FEB; então tive um hiato nesse período, dois anos, quase três — deixei de estudar por causa do serviço militar.

I.F.- Mas me conte uma coisa. O senhor já tinha feito CPOR ou alguma coisa assim antes?

J.M. - Não. Eu fui convocado por um curso que se chamava Curso de Formação de Graduados. Quando eu terminei o curso de cabo, eu ia entrar em um curso de sargento que formava graduado. Fui então designado para a FEB porque houve uma grande necessidade de pessoal graduado na FEB por causa dos claros que já tinham acontecido.

I.F.- Em 1940, quando o senhor tinha 18 anos, normalmente tinha que servir o Exército, não é isso?

J.M.- É, eu fiz o tiro-de-guerra.

I.F.- Isso que eu queria saber.

J.M.- Eu fiz o tiro-de-guerra em 1940. A minha turma foi quase toda convocada para o Exército nessa época; eu fui designado para fazer esse curso e, em uma certa época lá, houve um pedido e eu fui incluído num pessoal que...

I.F.- E o que o senhor sentiu quando foi convocado para ir para a guerra?

J.M.- Eu... O meu pai era prefeito, e eu...

V.A.- De Brasópolis?

J.M.- De Brasópolis. Meu pai foi prefeito lá 15 anos, época de Getúlio Vargas, não é?

I.F.- É. Eram nomeados, não é?

J.M.- É. Ele foi eleito em 32, depois, quando foi em 47, o Getúlio tirou muitos prefeitos...

I.F.- Em 37.

J.M.- Em 37. Houve o Estado Novo, não é?

V.A.- Isso.

J.M.- Então o Getúlio tirou muitos prefeitos, trocou, mas o meu pai continuou lá; ele confirmou meu pai lá.

V.A.- O senhor se lembra por qual partido ele se elegeu?

J.M.- Olha, eu não me lembro, não, que eu era garoto naquela época. Mas eu tive um tio que foi presidente da República, o Venceslau Brás.

I.F.- Ah! O senhor era sobrinho do Venceslau Brás?

J.M.- Tio-avô.

I.F.- Ele era lá de Itajubá, não é?

J.M.- De Itajubá. Quer dizer, ele nasceu em Brasópolis, mas como Brasópolis naquela época pertencia a Itajubá, então ele era de Itajubá.

I.F.- Ele pegou o governo durante a Primeira Guerra.

J.M.- É, pegou durante a Primeira Guerra. Então eu, em vista de ter um pai prefeito, uma pessoa do governo, de ter tido um tio que foi presidente da República, me vi imbuído de patriotismo, de responsabilidade. Então eu fui, apesar daquele choque assim e tal — deixar de estudar...

V.A.- Quando o senhor foi convocado, o senhor não estava ainda na faculdade de Itajubá. Estava fazendo...

J.M.- Eu estava fazendo o preparativo para entrar na escola. Foi em 1944, isso. Aí eu servi o Exército esse tempo todo, até 45. No fim do ano foi que eu vim — voltei para o Brasil em agosto ou setembro.

I.F.- E o senhor foi subordinado a quem lá?

J.M.- Eu fui no Batalhão de Engenharia.

I.F.- Com o general Machado Lopes.

J.M.- É, isso. E lá eu fiz um curso com os americanos, especialização de criptografia e centro de mensagens. Então fui designado, como chefe do centro de mensagem, para treinamento de um pessoal que precisava dessa matéria — o soldado brasileiro era muito pouco...

I.F.- O que é isso, criptografia?

J.M.- Criptografia é cifrar e decifrar as mensagens que eram enviadas para as companhias, os batalhões.

I.F.- Então o senhor ficou diretamente ligado aos americanos?

J.M.- Aos americanos, é. Eu tinha um chefe que era um capitão americano, John Jones, tinha vários sargentos americanos e tinha um brasileiro que era o tenente Adávio Sabino.

I.F.- E o senhor já falava inglês?

J.M.- Eu falava. Já falava inglês porque, desde a escola, eu gostava muito do inglês, então eu estudava bastante e desenvolvia essa...

V.A.- A sua mãe era professora primária?

J.M.- Era professora primária. Depois ela deixou por causa de muitos filhos — tive oito irmãos. Aí ela deixou, ficou do lar só.

I.F.- Como era o nome da sua mãe?

J.M.- Adolfina Pereira Gomes de Moraes.

I.F.- E do seu pai?

J.M.- Meu pai é Ataliba de Moraes.

I.F.- E o parentesco com o Doutor Venceslau?

J.M.- É do lado da minha mãe. O marido da minha avó era irmão do Venceslau Brás.

I.F.- Perfeito. E como foi essa experiência na Europa?

J.M.- Olha, a experiência lá na Europa foi uma experiência muito construtiva, muito boa, muito... que fez a gente crescer muito, apesar de ser uma experiência...

I.F.- Dolorosa?

J.M.- Dolorosa, mas a gente não pensava em nada de... Para viver o dia de hoje não pensava no amanhã. Vivía o dia de hoje porque não sabia o que ia acontecer.

I.F.- Comenta-se muito a diferença do preparo do americano para o do brasileiro, dos uniformes dos americanos e dos brasileiros, da organização... O senhor foi com um grupo de brasileiros e esteve lá mais em contato com os americanos. Podia fazer essa comparação para a gente? Jovem, ainda, dava para perceber isso?

J.M.- É, de fato os nossos recursos eram muito escassos e, como a tropa brasileira pertencia ao V Exército Americano, por força, externamente apresentava aquele uniforme brasileiro, [inaudível] de quepe, mas a jaqueta já era americana, o *combat boot* já era americano, aquela bota de neve, já era tudo americano... E a comida também, tinha muita coisa de americano, aquele feijão meio doce... [riso] E brasileiro tinha bastante feijão com arroz, que era o prato forte brasileiro. Então o pessoal não gostava muito da comida, mas comia-se bem, comida muito forte.

I.F.- E o senhor ficava em acampamento? Como era?

J.M.- É, nós ficávamos em acampamento...

I.F.- O senhor era de uma parte mais técnica, não ia para frente de batalha.

J.M.- É, parte técnica. Eu ficava em acampamento, em barracas. Tinha um caminhão, aqueles caminhões $\frac{3}{4}$, tinha jipe, tudo, para deslocar, mas vivia-se em barracas.

I.F.- E eu soube também que os alemães faziam uma campanha de desmoralização muito grande.

J.M.- Ah, faziam.

I.F.- E o senhor acompanhou isso ou, ligado a esse trabalho, não via tanto?

J.M.- Não, eu não via muito disso, não, mas eu sabia que eles faziam muita coisa.

I.F.- Mandavam panfletos.

J.M.- É, mandavam panfletos, tinha pessoas que falavam português no rádio, procuravam desmoralizar a tropa, procuravam...

I.F.- Baixar a coragem.

J.M.- É, o moral da tropa. Mas isso não adiantava nada.

I.F.- O senhor fazendo esse trabalho de criptografia devia estar a par de muita coisa secreta, não é?

J.M.- É, a gente tinha... Muita coisa a gente sabia.

I.F.- Tinha que ser uma pessoa de muita responsabilidade, sob o controle deles o tempo todo.

J.M.- É. E a gente tinha uma máquina que decifrava as mensagens, recebia uma folha de código todo dia, trocava aquela folha de código e enviava as mensagens cifradas, um grupo chave de cinco letras, e ali a gente inseria a mensagem.

V.A.- O que é grupo chave?

J.M.- Grupo chave é o grupo que se colocava na máquina para decifrar ou para cifrar as mensagens. Então a gente tinha, todo dia tinha um grupo chave que fazia isso.

V.A.- E como o senhor foi designado para essas tarefas específicas, para a criptografia?

J.M.- Eu fiz um teste e fui chamado.

V.A.- Um teste onde?

J.M.- Porque eles souberam do meu grau de instrução lá, que é...

V.A.- Mas isso já na Europa?

J.M.- Já na Europa. Aí eu fiz um teste lá com os americanos presentes, brasileiros, e aí, depois desse teste, fui selecionado. E como eu fui um dos primeiros colocados, fui logo designado mais para a chefia.

V.A.- Quer dizer que o senhor então, também, instruí outros brasileiros.

J.M.- Instruía outros brasileiros.

I.F.- O senhor ficou em que região? Pisa, Tarquínia, por ali?

J.M.- É, região de Pisa, por ali.

I.F.- O tempo todo lá?

J.M.- É.

I.F.- E em que escalão o senhor foi? 1º, 2º, 3º?

J.M.- Foi o 3º Escalão.

I.F.- Chegou lá em Nápoles, foi direto...

J.M.- É, cheguei em Nápoles, fui numas barcaças para Livorno, de Livorno nós acampamos em Pisa e dali fomos deslocados para esse acampamento de treinamento.

I.F.- E, terminada a guerra, o senhor voltou logo.

J.M.- Terminada a guerra eu voltei logo. O quer dizer, não foi bem logo, foi em agosto. E lá, durante um certo tempo, eu fui designado para chefe do centro de mensagem da 1ª DIE, mas ali eu fiquei pouco tempo, porque o pessoal já começou a retornar para o Brasil — já tinha terminado a guerra, começou a retornar ao Brasil.

I.F.- Se o senhor veio em agosto, então veio em um dos últimos escalões.

J.M.- Não, eu vim na frente do 2º Escalão. O 1º Escalão veio, eu acho, que em julho, não é?

I.F.- Acho que foi.

J.M.- E o 2º Escalão veio em setembro.

I.F.- O 2º Escalão chegou no dia 22 de agosto.

J.M.- Dia 22 de agosto? Eu vim em um navio... Eu fui designado lá para vir em um navio cargueiro americano.

I.F.- O senhor então não veio junto com a tropa brasileira.

J.M.- Não vim junto com a tropa. Então vim na frente da tropa porque... Não sei o que houve, se souberam que eu estava estudando, que precisava voltar logo... Aí me colocaram em um navio cargueiro americano — eu e mais três companheiros. Aí nós chegamos e eu fui assistir ao desfile da chegada do 2º Escalão.

I.F.- E aí voltou para Minas?

J.M.- Aí voltei para Minas.

V.A.- O senhor disse que tinha oito irmãos. Alguns dos seus irmãos também foram convocados?

J.M.- Não, só eu.

V.A.- O senhor era um dos mais velhos?

J.M.- Eu sou mais $\frac{3}{4}$ acima do meio.

I.F.- Alguns deles mais fez engenharia em Itajubá?

J.M.- Não, advocacia... Eu tive um irmão que estudou parte de medicina, mas depois desistiu, porque achou que não dava para muita coisa. Mas o pessoal é mais dado à educação.

V.A.- E o seu pai era médico com que especialidade? Tinha alguma especialidade?

J.M.- Olha, ele era médico, operador e parteiro. Naquela época era assim. [Risos] Era ginecologista, era clínico geral... De modo que ele fazia de tudo: operações... Ele ia ver um doente na roça assim e tal, chegava lá, via que o doente estava sem nada, não tinha agasalho direito, ele pegava o capote dele, o sobretudo grosso, e botava lá para o sujeito.

V.A.- Ele era muito querido então, não é?

J.M.- Era muito querido.

V.A.- Daí ele ter sido também eleito prefeito.

J.M.- Isso, exatamente. Ele era muito benquisto lá.

I.F.- E aí, o senhor voltou e foi direto para Itajubá?

J.M.- Fui, fui direto para Itajubá.

I.F.- Completar os estudos para fazer o vestibular.

J.M.- Exato. Continuei os estudos e fiz uma parte de recuperação, consegui recuperar um ano estudando com afinco, consegui fazer provas e tal, recuperar um ano. Depois estudei mais um ano, fiz o vestibular e entrei na escola em 47.

I.F.- Em 47, formou-se em 52.

J.M.- Em 51, dezembro de 51.

I.F.- E como era a vida lá em Itajubá?

J.M.- A vida em Itajubá era uma vida pacata, porque Itajubá, naquela época, era uma cidade não tão grande quanto hoje; era mais pacata e era mais a comunidade estudantil

que prevalecia na cidade. Então o pessoal vivia em repúblicas e eu morava lá em uma pensão. Depois eu fui... Tinha uma tia, que também é sobrinha do Venceslau Brás, irmã da minha mãe, que fez questão de me levar para a casa dela, porque, apesar de eu estar perto de Brasópolis, eu ficava toda a semana lá em Itajubá.

I.F.- Trinta quilômetros naquela época...

V.A.- Quanto tempo era de Brasópolis até Itajubá?

J.M.- Olha, naquela época a estrada era de terra, não era asfaltada. Então levava-se aí uns 50 minutos mais ou menos, 40 a 50 minutos, para ir até lá — apesar da estrada estar mais ou menos boa, de terra.

I.F.- E aquele período de pós-guerra não era fácil condução, gasolina, tudo isso, não é? Não era brincadeira.

J.M.- Vamos fazer um intervalinho para pedir uma água.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F.- O senhor estava falando da vida em Itajubá, eu estava lembrando do dr. Renato Azevedo ontem comentando da vida de estudante em Ouro Preto. O senhor tinha alguma convivência, conhecia, dá para comparar uma cidade com a outra?

J.M.- Olha, é... Não é igual porque Ouro Preto é um pessoal..., um tipo de estudante um pouco diferente.

I.F.- Por quê?

J.M.- Porque lá... Viviam essencialmente em repúblicas. É mais ou menos a mesma coisa, porque lá em Itajubá tinha as repúblicas dos estudantes e, em Ouro Preto também tinha as repúblicas de estudantes. Mas talvez seja mais ou menos a mesma coisa, porque eu não tinha muita convivência com o pessoal de Ouro Preto.

I.F.- É, cidade pequena, universidade grande, quer dizer, a vida deve ser muito em função dos estudos...

J.M.- É, e o pessoal de Ouro Preto eu sei que estudava muito e tinha uma vida muito...

I.F.- E tinha gente do Brasil inteiro.

J.M.- Tinha gente do Brasil inteiro, assim como Itajubá. Itajubá tinha até da Europa.

I.F.- Até da Europa?!

J.M.- É. Canadense, europeu.

I.F.- Por que isso?

J.M.- Não sei se tinham alguma relação de parentesco aqui no Brasil e vinham... Alguns estudantes vinham de fora.

V.A.- E era rigoroso o estudo?

J.M.- Muito, muito rigoroso. O vestibular era uma barreira mesmo, porque a pessoa tinha que ter aquele mínimo de conhecimento necessário para varar todo o curso, e mesmo assim, muitas vezes a pessoa ficava...

V.A.- Como era a rotina dos estudos, era aula o dia inteiro?

J.M.- Era aula o dia inteiro. Era aula de manhã, tinha o intervalo do almoço e aula à tarde.

I.F.- Turmas grandes?

J.M.- Turmas... No início as turmas eram menores, mas depois, mais ou menos na minha época... Minha turma já foi de 56 pessoas.

V.A.- Nossa, muito grande!

I.F.- Mas isso comparado com o Rio de Janeiro... Porque meu marido, que fez engenharia no largo de São Francisco, diz que eram duzentos, duzentos e poucos alunos por turma...

J.M.- É, exato.

I.F.- Diz que não tinha lugar para sentar em sala de aula. Não dava para eles irem à aula, tinham que fazer um revezamento e eles sentiam muito isso.

J.M.- É, mas lá em Minas... Eu não sei.

I.F.- Tinha laboratórios bons?

J.M.- Tinha, tinha laboratórios: laboratório de hidráulica, laboratório de eletricidade... Tinha mini-usinas em que a gente trabalhava; tinha uma usina lá, que servia a cidade também, que a gente usava para estudo, fazia projetos baseados nessa usina...

I.F.- Tinha muitos professores estrangeiros?

J.M.- Tinha, tinha vários professores estrangeiros.

I.F.- Eu me lembrei disso porque eu entrevistei o dr. Marcondes Ferraz e ele fez o curso na Europa e foi contratado pela escola de Itajubá como professor estrangeiro. Ele veio dar aula em Itajubá...

J.M.- Ah, Marcondes Ferraz.

I.F.- Ele veio para Itajubá em meados de 1920, por aí. Mas ele veio como se fosse professor estrangeiro, porque formou-se na França e foi contratado como um professor estrangeiro. Por isso que estou perguntando se tinha muitos professores estrangeiros lá.

J.M.- Tinha, tinha muito estrangeiro. Tinha um professor de mecânica, era alemão, Richard Bran. Esse Richard Bran nacionalizou-se brasileiro. Ele viveu no Brasil muito tempo e nacionalizou-se brasileiro. Então ele tinha cidadania alemã e a cidadania brasileira. E depois, no tempo da guerra, por causa de ele ser alemão, fizeram um certo isolamento com ele. Ele até foi obrigado a trabalhar em outros locais, trabalhar em outras cidades: trabalhou no Quitandinha, na parte de mecânica... Depois de um certo tempo, foi para a Europa, voltou para a Alemanha, e nós tivemos notícias, recebemos fotografias do enterro dele: o caixão dele foi com a bandeira nacional.

I.F.- Ele então deve ter sofrido muito, não é?

J.M.- Não, ele gostava tanto do Brasil, amava tanto o Brasil...

I.F.- Que deve ter sofrido muito porque ele teve que sair de lá. Deve ter sido perseguido, deve ter sido uma coisa difícil.

J.M.- Não, mas depois ele retornou; depois da guerra, passou aquela onda de...

I.F.- E voltou a dar aula...

J.M.- Voltou a dar aula de novo, voltou a dar aula de novo. Mas depois ele aposentou-se, trabalhou em outros locais no Brasil e depois foi para a Alemanha.

V.A.- Eu queria voltar um pouquinho a essa escolha de engenharia, porque o senhor falou que escolheu estudar em Itajubá porque era perto de Brasópolis. Agora, havia outras opções de profissão na época até mais benquistas, que era médico, advogado... O pendor para a engenharia, o senhor acha que veio de onde? A direção que o senhor escolheu?

J.M.- Olha, eu pensei em duas coisas, aliás em três coisas. Eu gostava muito de aviação, pensava em ir para a Aeronáutica. Até quando era estudante mais novo, eu com um amigo pensávamos em ir para a escola de Aeronáutica e depois ir para os Estados Unidos, porque os Estados Unidos estavam aceitando jovens brasileiros para fazer estudos em aeronáutica. Até esse amigo foi. Eu acabei desistindo. Ele foi e se formou lá nos Estados Unidos, voltou e teve um acidente de aviação no Brasil e morreu.

V.A.- Bom, aí da Aeronáutica, o senhor achava que a engenharia era o mais próximo?

J.M.- Era. Eu pensei também em medicina, que era a área do meu pai, mas eu vi que medicina era também uma vida muito sofrida, muito... Porque o meu pai chegou a um certo ponto em que ele ficou assim até meio desiludido de ver tanta coisa, tanta dificuldade na medicina com a condição social do povo. Eu achei que engenharia era uma carreira mais limpa, *clean*.

I.F.- E o senhor acha que aquela mentalidade que começou depois de 30, de um Brasil novo, de um Brasil em desenvolvimento, deixando de ser um Brasil essencialmente agrícola, influenciou nessa sua escolha, de ver um Brasil crescendo tecnologicamente?

J.M.- Ah, influenciou! Influenciou muito.

I.F.- O senhor lia, acompanhava isso?

J.M.- Acompanhava porque, meu pai sendo prefeito, eu acompanhava muito a política nacional. E também o Getúlio Vargas deu um impulso muito grande no Brasil, ele foi o primeiro alavancador do desenvolvimento brasileiro, apesar de todo o negócio de ditadura e tal, mas ele foi, ninguém nega que ele foi um grande brasileiro. Mas naquela época, por exemplo, o grupo escolar cantava o hino nacional na entrada da escola, tinha aquela... Eu achava muito bonita aquela parte de patriotismo, aquele amor ao Brasil, aquela parte de educação moral que tinha. E eu achava muito interessante aquilo, porque aquilo dava um tom assim de patriotismo no brasileiro, e parece que isso depois veio...

V.A.- Esmorecendo.

J.M.- Esmorecendo. Tanto é que hoje a gente vê o negócio como é que é.

I.F.- Hoje em dia poucas crianças sabem cantar o hino nacional. Estão querendo voltar agora.

V.A.- Então o senhor ficou imbuído também dessa missão; a escolha por engenharia também fez parte...

J.M.- É, por engenharia fez parte disso.

V.A.- Em 47, quando o senhor entrou em Itajubá, já estava constituída a CSN. O senhor já tinha notícias da criação, da discussão, do debate sobre a grande siderúrgica?

J.M.- Tinha também.

V.A.- Como foi isso?

J.M.- Eu acompanhava, porque lá em Itajubá, na escola, a gente fica acompanhando toda a evolução da engenharia no Brasil. Apesar de ser uma especialidade elétrica, mas está ligada a todo o desenvolvimento brasileiro. Todo lugar precisa de engenheiro mecânico ou de engenheiro eletricista — porque lá é escola de engenharia elétrica e mecânica.

I.F.- E foi em uma época também em que foi construída a usina de Paulo Afonso. Quer dizer, isso também deve ter influenciado muito.

J.M.- É, influenciava muito, porque havia muita necessidade de engenheiros, havia muita procura.

I.F.- Esse é um tipo de engenharia especializada, porque antigamente era só construção civil e estrada de ferro, não é?

J.M.- Engenharia civil e construção de estrada.

I.F.- A grande mudança foi exatamente no governo Dutra, não é? E final de Getúlio.

J.M.- Exato, é. Exatamente.

I.F.- Quer dizer, foi a época em que o senhor já estava na faculdade e estavam começando as grandes obras.

J.M.- As grandes obras.

I.F.- Isso era discutido lá na escola?

J.M.- Era discutido sim, era discutido. Agora, Volta Redonda... Eu estudei e, depois de formado, tive várias opções de emprego, mas como tinha várias pessoas lá de Itajubá, engenheiros, que já trabalhavam aqui e falavam, tive notícias de que aqui era o lugar de desenvolvimento, de grande tecnologia. Então eu optei por ver alguma coisa em Volta Redonda e dei uma chegada aqui. Aliás, eu tinha uma prima que casou com um engenheiro que trabalhava aqui em Volta Redonda. Depois ela foi para o Ceará, casou-se e foi para o Ceará. E eu tenho até um retrato dela tirado em 1952, antes de eu entrar na companhia — vê-se a cidade assim... Não tinha quase nada, só tinha um hospital, a Vila... No Laranjal só tinha esse alto Laranjal; naquela fralda do Laranjal estava tudo vazio e...

[FINAL DA FITA 1-A]

V.A.- Depois que terminou a faculdade, em dezembro de 51, foi que o senhor veio ver como era Volta Redonda, ou ainda durante o curso?

J.M.- Não, eu fiquei um mês assim descansando.

V.A.- Depois de dezembro.

J.M.- É, depois de dezembro. Em janeiro eu já dei uma chegada aqui para ver o ambiente como é que era direito.

V.A.- O senhor tinha essa prima que morava aqui, não?

J.M.- Esse engenheiro que já era formado, antes de mim, e que trabalhava aqui, casado com essa minha prima.

V.A.- E ela morava aqui.

J.M.- Ela morava aqui.

V.A.- O senhor então veio para a casa dela, aproveitou que ela morava...

J.M.- Exato.

V.A.- Para conhecer, ver como era. E esse marido dela era engenheiro de que especialidade?

J.M.- Era engenheiro também eletricitista de Itajubá.

V.A.- Ah, também. O senhor já o conhecia.

J.M.- É, eu já o conhecia. Aí eu resolvi... Ele insistiu para eu ficar aqui e tal, que aqui era um bom lugar, em vez de ir para outros locais para procurar emprego. Porque eu tinha várias ofertas.

V.A.- Quais eram essas ofertas nessa época?

J.M.- Tinha em São Paulo, tinha em várias firmas em São Paulo que precisavam de engenheiro para trabalhar em usinas hidrelétricas, na construção de usinas hidrelétricas, na Light... Tinha muitos engenheiros na Light também, e em vários setores, vários outros setores. Então tinha emprego no Rio, tinha emprego em São Paulo, tinha aqui em Volta Redonda, opção de... Muitos preferiam São Paulo, estão lá até hoje. Têm uns que já se aposentaram, outros que continuam trabalhando. Um que já se aposentou escreveu um livro sobre eletricidade, um dicionário de termos técnicos.

V.A.- Todos colegas seus, contemporâneos.

J.M.- É, todos colegas.

V.A.- O que fez o senhor escolher Volta Redonda, diante de tantas opções?

J.M.- Aí, em vista da insistência desse meu primo, eu resolvi fazer uma aplicação, como se diz, para a usina, para a companhia.

I.F.- Encaminhada a quem?

J.M.- Essa era encaminhada à diretoria da companhia.

I.F.- E naquela ocasião era o dr. Raulino.

J.M.- É, o general Raulino. Coronel, naquela época — eu acho que era coronel. E o diretor industrial era o Ciro Alves Borges. Na minha época, quando eu entrei era o Ciro Alves Borges, coronel também, o diretor industrial.

V.A.- O senhor fez o pedido...

J.M.- É, fiz esse pedido e aí fui chamado para uma entrevista. Fui entrevistado, naquela época eu não sei se tinha prova, exame, essas coisas assim, e depois de um certo tempo fui chamado.

V.A.- O senhor foi entrevistado... Então depois o senhor voltou de novo e ficou em Brasópolis aguardando...

J.M.- É, aí eu fiquei em Brasópolis aguardando. Depois, quando foi em março, por aí por março, recebi a comunicação de que tinha sido...

V.A.- Aprovado.

J.M.- É, aprovado, que podia vir. Aí quando foi em abril eu vim.

V.A.- Quando o senhor veio para Volta Redonda nessa ocasião, em...

J.M.- 52, abril de 52.

V.A.- Sim, mas antes quando o senhor veio para casa dessa sua prima, qual foi a impressão da cidade? Foi a primeira vez que o senhor veio a Volta Redonda ou o senhor já tinha vindo antes?

J.M.- Eu acho que eu já tinha vindo antes, já tinha vindo antes um pouco. Mas a impressão de Volta Redonda era uma impressão *muito* boa, era *completamente* diferente das cidades do interior do Brasil.

V.A.- Por quê? Em que sentido?

J.M.- Porque eu achava tudo *muito* limpo, as casas não tinham muro, era tudo...

I.F.- Estilo americano.

J.M.- Era tudo estilo americano, tudo ajardinado. Então, saúde, a condição sanitária da cidade era ótima, tudo muito bem organizado e, pela vida assim, uma rotina saudável e de trabalho. O pessoal vivia para o trabalho. Era aquela comunidade que vivia para o trabalho, vivia para a usina, e eu gostei daquilo, sabe? Achava a cidade muito limpa, a cidade era nova...

V.A.- Todas essas regiões? Até a parte de habitação mais popular também era essa...

J.M.- Era assim.

V.A.- Nessas condições sanitárias muito boas.

J.M.- Nessas condições boas. Era melhor que em muitos lugares do Brasil, até lugar bom. Porque o operário tinha o seu alojamento, tudo limpo, tudo perfeito, eles viviam, como se diz assim, em um ambiente de paz, de trabalho e com muita saúde.

I.F.- Eu soube que logo no começo inauguraram um hospital provisório e que em 54, já com o coronel Raulino, foi o outro hospital. O senhor está dizendo que a saúde tinha um atendimento muito bom aqui. Como é que funcionavam esses hospitais, eram médicos de onde? Como é que era isso aqui?

J.M.- Esses médicos eram contratados da companhia.

I.F.- Todos funcionários da companhia?

J.M.- Todos funcionários da companhia. Porque tinha a parte de atendimento, cujo o corpo médico era muito bom. Apesar do hospital ser precário, hospital de tábuas — era um hospital provisório — o tratamento era bom.

V.A.- Como era esse hospital de tábuas? Ele era de tábuas?

J.M.- É, construção de madeira. E depois eles fizeram esse hospital aí da... Tinha um atendimento para as gestantes, o centro de puericultura também.

I.F.- O senhor, como filho de médico do interior, fez alguma comparação entre a assistência médica aqui e as o que o senhor conhecia lá do interior de Minas?

J.M.- A assistência médica naquele tempo, eu acho que era até melhor do que hoje, porque o médico era quase como se fosse um médico de família, porque a...

I.F.- Seu pai, por exemplo.

J.M.- É. A população de Volta Redonda naquela época era bem pequena e o atendimento era bem mais fácil do que hoje, em que tem uma imensidão de pessoas para serem atendidas, e a pessoa tem pouco tempo às vezes.

I.F.- É. Mas comparando aquele hospital que o senhor conheceu aqui, o atendimento aqui, com o que o senhor viveu em criança com seu pai médico. Como era essa comparação entre o interior de Minas e o...?

J.M.- Não, lá em Minas era bom também.

I.F.- Era bom.

J.M.- Era bom também. Porque lá já era um município, já estava estruturado, já tinha todas as condições, tinha a Santa Casa, que atendia — era um hospital pequeno, mas atendia.

I.F.- Em termos de salário...? Quando o senhor veio para cá tinha tido outros contatos para decidir vir parar aqui. O salário aqui era melhor que nos outros lugares?

J.M.- O salário daqui era um dos melhores da região, porque eu iniciei aqui com... Naquela época, eram quatro mil cruzeiros, eu acho. Quatro mil cruzeiros, em 1952, era o salário do estagiário. Em três meses eu fui designado chefe de uma divisão. Terminou o período de estágio...

V.A.- Ah, então o senhor fazia estágio mesmo já tendo sido formado?

J.M.- Um estágio para conhecer a usina.

V.A.- Para conhecer, certo.

J.M.- Então eu passava por todos os setores da usina, e cada setor tinha uma espécie de acompanhante, graduado, e depois a gente fazia uma prova. Em todo local em que a

gente passava fazia um relatório, como se diz, de tudo o que a gente viu. Depois, no final de três meses, eu, passando pela área da operação da usina lá na laminação, o chefe precisava de engenheiro e achou que as minhas condições eram satisfatórias, então me convidou para ficar lá.

I.F.- Quem era ele?

J.M.- Era o Jardel Borges Ferreira, era o chefe do setor de laminação nessa época.

V.A.- E quando o senhor veio para cá, em abril de 52, o senhor foi morar onde? O senhor morou no Hotel Bela Vista? Como foi?

J.M.- É, eu fiquei aqui na casa de um parente que também já tinha vindo para cá. É um tio, um irmão da minha mãe por parte da avó. Porque minha avó foi casada duas vezes; no primeiro casamento ela teve esse filho que também se formou em engenharia.

V.A.- Ah, então o senhor já tinha engenheiro na família também.

J.M.- Aí ele me chamou para a casa dele e eu fiquei lá uma temporadazinha.

I.F.- E onde era? Em que bairro?

J.M.- Era na rua 18-B. Engenheiro Elzio Dias.

V.A.- Ele era engenheiro eletricista também?

J.M.- Engenheiro eletricista também, formado lá em Itajubá.

I.F.- O senhor falou aí em rua 18-B e eu não entendi nada. Em que região fica? Porque tem o Aterrado, tem o Laranjal, tem a Vila...

J.M.- Sabe ali aquela rua da igreja? No fim da rua da igreja, descendo para a Vila, mais ali para o centro? Tem uma rua que contorna o riozinho, então a 18-B é ali.

I.F.- É bem central.

J.M.- É. Do lado direito é a rua 18-B, e do lado esquerdo é a rua 18-A.

I.F.- Ali era uma casa mesmo?

J.M.- Ele morava em uma casa.

V.A.- E o senhor nessa ocasião era solteiro?

J.M.- Era solteiro.

V.A.- Então morou lá um tempo.

J.M.- Depois eu arrumei uma vaga no Hotel 66, que era o hotel dos engenheiros, e aí fui para lá, para o Hotel 66.

V.A.- O senhor ficou então até quando nesse hotel?

J.M.- Eu fiquei até casar, no dia 3 de dezembro de 58.

V.A.- E sua esposa era daqui mesmo de Volta Redonda?

J.M.- Ela nasceu em Minas, em Belo Horizonte, e veio para cá com sete anos.

I.F.- O pai veio trabalhar aqui?

J.M.- O pai veio trabalhar aqui. Então ela estudou aí, se formou em Barra Mansa, depois foi para o Rio, estudou lá no Bennett no Rio, depois estudou na Escola de Educação. Ela foi aluna, não sei se conhece, da Heloísa Marinho, é uma educadora muito famosa.

V.A.- O senhor tem muita relação então com educação na família. O senhor falou que a família já tinha muitos educadores: sua mãe, irmãos também, irmã...

J.M.- É, uma irmã que era professora, foi diretora e depois foi inspetora de ensino. Eu acho que ela ascendeu toda a faixa de educação.

V.A.- E agora a sua esposa também, não é?

J.M.- A minha esposa também. Ela foi muito ligada à educação e, por ela ser, assim, muito ligada à educação — fez vários cursos de especialização, curso de pós-graduação —, ela fundou aqui um tipo de ensino para pré-primário e primário, para dar continuidade ao ensino primário, porque as crianças, saindo do pré-primário, vão para o primário e, muitas vezes, dá um hiato grande e se perdem.

V.A.- Que é justamente a parte de alfabetização, que tem que ter todo o cuidado, que é um período delicado, não é?

J.M.- Então ela fundou aqui esse... Ela trabalhava na prefeitura e todos os jardins de infância ela supervisionava. Então criou essa coisa junto com o primário também. Depois foi para diretora do primário e do secundário todo.

I.F.- E ela ainda trabalha nisso?

J.M.- Não, ela trabalha hoje em outra coisa. Ela aposentou-se na prefeitura e hoje tem uma galeria de arte, trabalha com quadros, é uma espécie de *marchand*.

V.A.- Agora, de Itajubá até Volta Redonda, como é que se vinha naquela época, como era o transporte para cá?

J.M.- O transporte era de trem.

V.A.- E tinha direto de Itajubá para cá?

J.M.- Tinha direto de Itajubá para o Rio de Janeiro. Aqui parava em Volta Redonda.

I.F.- No caminho parava em Volta Redonda?

J.M.- Em Volta Redonda.

V.A.- E essa viagem era de quanto tempo? O senhor lembra, não?

J.M.- Ah, era uma viagem comprida... Muito... Durava o quê? Umhas quatro horas por aí, cinco horas. Que era aquela maria-fumaça naquela época.

I.F.- O senhor teve contato com o dr. Mauro Mariano também? Ele era ligado à parte de eletricidade.

J.M.- Muito, muito contato. O Mauro Mariano foi superintendente de operação; numa época trabalhei muito com ele. E também foi o superintendente do plano de expansão; ele é que tomava conta das obras todas da expansão. E depois de um período aqui na CSN, na época dele eu fui designado para a parte de expansão também.

I.F.- Trabalhou diretamente com ele?

J.M.- Não diretamente: eu era da operação mas trabalhava muito ligado a ele. Porque eu fazia viagens de... para, vamos dizer, desenvolvimento de projetos da usina, e ele construía, montava. Então eu tinha ligação com ele porque eu tinha que cumprir um cronograma fiscalizando a obra por parte da operação também. Tinha a parte da montagem e a parte da operação. A parte da operação trabalhava em estreita ligação com a montagem para poder dar o cronograma certinho.

I.F.- E deixa eu entender bem. O senhor, quando chegou aqui, já tinha a usina funcionando.

J.M.- Já tinha funcionando.

I.F.- Agora, estavam ampliando?

J.M.- Estavam ampliando.

I.F.- Ah, então tinha essa parte de montagem da ampliação, e a manutenção do que já estava funcionando?

J.M.- Exato. Eu cheguei aqui, a usina ainda era planejada para 360 mil toneladas; depois, em 54, já começou o outro plano de expansão para dobrar a produção. Quando eu deixei a companhia ela já estava produzindo... pelo menos programada para produzir 4.600.000 toneladas, eu cheguei aqui com 360 mil.

V.A.- O senhor deixou quando? O senhor se aposentou quando?

J.M.- Em 1979. Mas depois eu fui também trabalhar como engenheiro consultor da Cobrapi, que é a Companhia Brasileira de Projetos Industriais. E lá a Cobrapi tinha muitas obras também com a CSN, muitos projetos.

V.A.- Onde é?

J.M.- A Cobrapi fica ali mais ou menos no fim da rua, ali do lado da Escola Técnica, tem um galpão grande. A Cobrapi hoje está muito diminuída porque a companhia, com a privatização, preferiu comprar muitas vezes pacotes de fora, e aí a Cobrapi foi tendo que procurar projetos em outros locais do Brasil para se manter. Mas ela reduziu bastante também.

V.A.- O senhor disse que depois dos três meses de estágio o senhor foi logo designado para chefe de uma divisão. Fica onde?

J.M.- Na laminação, na laminação a frio. É divisão de redução a frio e Recozimento. Então eu era responsável por toda a parte de laminação a frio e pela parte de recozimento que, posteriormente, dá o tratamento térmico adequado para aquelas bobinas laminadas a frio poderem ser recozidas e serem aptas para posterior remessa às fábricas.

V.A.- Agora, o que isso... — minha ignorância é total —, o que isso tem a ver com engenharia elétrica?

J.M.- É. A parte da laminação é uma parte mais ligada à mecânica, parte da mecânica, e o laminador a frio também tem muita coisa de parte elétrica. Então o engenheiro eletricitista-mecânico tem muita aptidão para absorver a tecnologia dos equipamentos. Porque o engenheiro metalurgista está mais ligado à parte da metalúrgica, da produção da metalurgia, que é a parte da fabricação do aço. Mas na parte da conformação do aço, um engenheiro mecânico se dá muito bem. Agora, o que falta na parte da engenharia mecânica e elétrica, que é a metalurgia do processo que envolve, ali eu tive que estudar tudo e fazer estágios junto às entidades no Brasil para absorver aquilo — que é aquela parte de metalurgia que faltava.

V.A.- Quais entidades foram essas? O senhor saiu então de Volta Redonda, passou um período em outros lugares?

J.M.- Não, eu fazia cursos, por exemplo, na ABM, que é a Associação Brasileira de Metais. E durante um certo tempo eu fazia estágio fora do Brasil.

I.F.- Fez onde?

J.M.- Eu fiz no Japão.

I.F.- Ah, no Japão?

J.M.- É. Em um certo tempo eu fiz um curso de eletrometalurgia no Japão.

V.A.- Isso foi quando?

J.M.- Isso foi em 1967, já posteriormente. Mas antes, durante esse período todo, eu fazia com a ABM lá em São Paulo — ela tinha estudos apropriados, o pessoal vinha para cá, para a usina. Vieram os americanos para dar curso aqui...

V.A.- E o senhor fazia então esses cursos...

J.M.- Fazia todos esses cursos aqui.

V.A.- E o senhor ficou sendo chefe dessa divisão até quando?

J.M.- É, dá licença que eu quero pegar meu currículo...

I.F.- O senhor prometeu me mandar e não mandou. [risos]

J.M.- [riso] A senhora viu que eu aprontei e meu filho veio trazer hoje, não é? [risos]

V.A.- Se o senhor pudesse nos dar essa cópia seria ótimo.

J.M.- Dou sim. Aqui tem os cursos: é “Laminação de aços” George Mican da United States Steel Corporation em 1956. Ele foi um senhor que veio aqui, deu uma série de palestras, deu um curso completo aí sobre laminação dos aços.

V.A.- Que era bem a área em que o senhor estava.

J.M.- A área em que eu estava, é, exatamente. Ele passou aqui um período dando cursos industriais também, em 1959. “Laminação e forjamento dos aços”, na Associação Brasileira de Metais com o professor Paul Blain do IRSID.

V.A.- O que é IRSID?

J.M.- É uma escola, um instituto...

V.A.- Instituto de Pesquisa Siderúrgica (Institut de Recherche Sidérurgique).

J.M.- Instituto de *Recherche* da Siderurgia. “Corrosão e tratamentos superficiais dos metais”, da Associação Brasileiras de Metais. “Administração de empresas”, do Instituto de Desenvolvimento Empresarial; “Tecnologia dos processos eletrometalúrgicos” em Nagóia e Osaka, no Japão.

V.A.- Aí o senhor já foi para o Japão?

J.M.- É. “Primeiro ciclo de palestras sobre segurança nacional e desenvolvimento”; “Princípios básicos de gerência”; “Tecnologia de zincagem contínua” — também é outro ramo em que nós estávamos projetando uma linha de [inaudível] para o Brasil —, na ARMCO Steel Corporation.

V.A.- O senhor esteve nos Estados Unidos?

J.M.- Estive nos Estados Unidos...

I.F.- Agora, eu estive vendo aqui que o projeto elétrico da usina foi feito no Brasil e nos Estados Unidos com o pessoal da General Electric. Eles continuavam mantendo contato quando o senhor chegou? A General Electric?

J.M.- Ah, muito, muito! Todos os equipamentos aqui eram de origem americana praticamente, e a General Electric era a completa dona da parte elétrica. Então os circuitos todos eram da GE. E era muito prático, muito fácil de...

I.F.- E eu soube também, que os responsáveis por esse projeto foram os militares Varonil e o Berenhauser. O senhor ainda os pegou aqui?

J.M.- Berenhauser, não. De nome eu o conheço muito — coronel Berenhauser, não é? Ele trabalhou muito com o meu primo, que é o engenheiro José Alencar Vieira Ribeiro, que foi chefe da parte elétrica.

I.F.- Sei. Esses então já tinham saído. E o coronel Varonil Albuquerque Lima?

J.M.- O Varonil também...

I.F.- O senhor teve contato com ele?

J.M.- Não. Trabalhou com esse meu primo, o Alencar.

I.F.- E eu soube, também, que uma das prioridades na organização aqui da CSN foram as oficinas mecânicas e elétricas da fundição. Foram as primeiras unidades a operar aqui em Volta Redonda. Então isso o senhor já encontrou pronto quando chegou?

J.M.- Já encontrei pronto.

I.F.- E teve o alto-forno número 1.

J.M.- Número 1 também.

I.F.- O alto-forno número 2 foi inaugurado quando?

J.M.- O alto-forno número 2? Agora, questão de data, aí o Renato Azevedo é...

V.A.- Renato Azevedo sabe não é?

I.F.- Quando o senhor chegou já estavam funcionando?

J.M.- Já. O alto-forno número 1 já estava. O 2 foi feito depois. Em 60, 63, é.

I.F.- Foi nessa fase de ampliação.

J.M.- Foi.

I.F.- Após 54.

J.M.- É. A parte da metalurgia que ampliou... Aí foi ampliando sinterização, foi ampliando o alto-forno 2, a parte da fundição... Eles ampliaram tudo um pouco.

I.F.- Tudo crescendo junto.

J.M.- É, tudo crescendo junto.

I.F.- Eu estava perguntando sobre a questão salarial e o senhor disse que, quando o senhor chegou, era melhor aqui. E no dia-a-dia, a vida, o custo de alimentação... Era vantajoso aqui?

J.M.- Era vantajoso. Por exemplo, quando eu cheguei, depois eu fui para um hotel de solteiros e lá nós tínhamos uma espécie assim de governanta que tomava conta dos mantimentos, da cozinha, e a gente tinha um coordenador. E todo mês o coordenador fazia o orçamento de acordo com a necessidade, ele fazia o orçamento e cada um contribuía com a sua parte. E aí abastecia bem a cozinha e ela tomava conta de todo o cardápio durante a semana para...

V.A.- E o almoço era no hotel, não é?

J.M.- O almoço era no hotel. Tinha hora certa, o almoço, porque a gente tinha hora certa para chegar e para sair, para estar na usina, porque tinha uma parte que batia cartão.

I.F.- O dr. Renato disse que mantinham quase que um regime militar. Que era muito...

J.M.- Muito.

V.A.- Que tinha uma carteirinha onde se anotava... Como era isso? O senhor também tinha subordinados sob sua responsabilidade que o senhor tinha que anotar faltas...

J.M.- Ah, tinha. Tinha, sim.

V.A.- Como era?

J.M.- Era uma caderneta em que a gente ia anotando as condições, o que acontecia durante o... Por exemplo: um funcionário sobre quem a gente tinha que, de tempos em tempos, dar um parecer a respeito do aproveitamento, da eficiência... E a gente anotava as faltas, as coisas boas que eles iam fazendo, os elogios... Então isso era também para merecimento, para de tempos em tempos ter uma promoção ali. Então a gente ia selecionando, fazendo uma triagenzinha assim para...

I.F.- E o senhor acha que o dia-a-dia era um dia-a-dia fácil para os que vinham morar aqui?

J.M.- Era uma rotina muito rígida, porque a gente vivia para a usina, a gente não via o tempo passar aqui fora. Eu, por exemplo, só lembro da minha vida dentro da usina o tempo todo porque a gente vivia 24 horas... Por exemplo: eu estava na operação e o funcionamento da usina é 24 horas por dia. Então tinha um telefone para o qual qualquer coisa que acontecia, de noite ou de madrugada, e que não tinha resolução lá pelo pessoal, eles telefonavam, e muitas vezes eu tinha que ir lá, passar a noite lá dentro da usina — algum problema, alguma coisa para resolver.

I.F.- Outro dia estive visitando a usina e vi que, naturalmente, a tecnologia moderna está ajudando muito, quer dizer, os computadores com as telas, os técnicos ficam lá olhando... Como era feito este controle das máquinas, do funcionamento da usina, da

parte elétrica toda, antes dessa coisa que é o computador? Como era isso? Por exemplo: caiu um negócio, despencou outro, faltou a luz...

J.M.- É, acontecia muitas vezes faltar energia, isso acontecia.

I.F.- Como era, como é que avisavam? Porque agora está com computador controlando tudo.

J.M.- É. A Light, por exemplo. Quando ia acontecer qualquer coisa, a Light avisava, mas tinha hora em que não tinha jeito, acontecia de repente, dava um pique de energia, ultrapassava aquela cota, o sistema caía e aí ficava às escuras. E tinha um período aí de reposição daquilo tudo, às vezes demorava uma hora, duas horas, três horas.

I.F.- E dava algum alarme, havia alguma coisa para ficarem sabendo? Como era isso?

J.M.- Quando estava um negócio programado eles telefonavam e avisavam, mas quando era um acidente, aí não tinha jeito — por exemplo, um acidente de um setor de linha absorver muita energia e faltar energia para cá. Isso acontecia mas não era sempre, porque estava mais priorizado o setor de energia desse lado.

V.A.- E quais eram as dificuldades assim que o senhor se lembre de ter enfrentado nesse início de 52?

J.M.- É, no início as condições eram, eu não digo precárias, mas eram bem difíceis, porque não tinha nada automatizado como hoje. Então muitas vezes... Por exemplo, na minha área, uma bobina de aço, vamos dizer, saía da decapagem contínua, que era uma...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A.- O senhor estava falando sobre uma bobina.

J.M.- É. Uma bobina, por exemplo, que era laminada a quente, é enrolada com a temperatura de 560 graus mais ou menos, 580 graus, e, ao resfriar, ela fica com uma camada de ferrugem porque, no esfriar, o aço reage com o ar e forma aquela camada de óxido. Essa camada de óxido, para laminar a frio, é preciso ser removida, então passa em uma decapagem. Entra, desenrola, sai lá na frente bobinada de novo.

I.F.- Sem ferrugem.

J.M.- É, sem ferrugem. Na hora de sair para ir lá para a área do laminador a frio, tinha uma esteira com uns roletezinhos assim, em forma de..., para apoiar a bobina, e aquela bobina tinha que ser empurrada a mão. Era um funcionário de um lado, um funcionário do outro lado empurrando aquela bobina, com o atrito dos roletes, os roletes rolando e tal, facilitava rolar a bobina. Mas era empurrada a mão até a área do laminador a frio. Aí a ponte rolante chegava, pegava aquela bobina e colocava na área. Hoje em dia é tudo automatizado! Existe, hoje, indústria em que a decapagem contínua é acoplada com o laminador a frio e os fornos de recozimento são acoplados na frente. Atrás tem a decapagem e na frente tem o recozimento contínuo de chapas. Então a bobina vem da

laminação a quente, entra na decapagem que está atrás e, tirada a frio, sai da decapagem já limpinha, sem o óxido, é removido tudo, passa no laminador a frio, lamina, depois entra no recozimento contínuo e já recoze. Quer dizer, uma coisa que era feita em três etapas diferentes, já é... Aliás em quatro etapas, porque tinha, depois do laminador a frio, uma área de limpeza alcalina para tirar toda a gordura que por ventura apanhou ali no laminador a frio — porque sai um pouco de graxa por causa de óleo de laminação. Então entra na limpeza alcalina, limpa aquele óleo todo com um detergente, depois aquela bobina entra para a área do recozimento contínuo. Quer dizer, isso tudo, quatro etapas, se transforma em uma operação.

I.F.- É um aprendizado contínuo para trabalhar em uma usina dessas: o senhor entra com um conhecimento e tem que estar se modernizando...

J.M.- Todo dia, todo dia...

I.F.- Acompanhando.... As pessoas que vinham para cá normalmente vinham de fora. Agora já tem faculdade aqui e tem escolas técnicas. São filhos daqui de Volta Redonda que estão continuando aqui? O senhor tem acompanhado isso?

J.M.- Tem muita gente daqui e muita gente, também, oriunda da Escola Técnica que acabam indo para engenharia.

I.F.- Dessa região aqui?

J.M.- É, dessa região aqui. E tem gente de fora também que prefere o tipo de curso que é de operação, prefere aqui.

I.F.- Mas o senhor acha que, com esses cursos, a tendência dos rapazes e moços nascidos aqui é permanecerem em Volta Redonda, ou saem muito daqui?

J.M.- Olha, eu não estou, vamos dizer assim, bem informado a respeito de quantidade de pessoas, mas essa escola aqui tem proporcionado a muita gente daqui dessa região, Barra Mansa... estudar aqui, porque muitas vezes é aproveitado na CSN, principalmente se a pessoa prefere a Escola Técnica. Depois tem conhecimento suficiente para estudar engenharia — quer dizer, é uma formação perfeitamente...

V.A.- Adequada.

J.M.- Adequada para trabalhar na usina.

V.A.- O senhor vinha me respondendo até quando o senhor ficou chefe dessa divisão de laminação. Aí o senhor foi para onde na CSN?

J.M.- Aqui:¹ abril de 52 a agosto de 52 — engenheiro estagiário; agosto de 52 a julho de 56 — chefe da divisão de redução a frio e recozimento; junho de 56 a dezembro de 58 — subchefe do departamento de chapas finas, do DCF, e acumulando o cargo de chefe da divisão de redução a frio e recozimento.

V.A.- Ah, então o senhor acumulou dois cargos?

¹ Lendo o currículo.

J.M.- É. De dezembro de 58 a maio de 68, fiquei dez anos como subchefe do departamento de chapas a frio.

V.A.- E esse departamento era já em outro lugar?

J.M.- Não, era abrangendo toda a extensão do acabamento final. Porque nós recebíamos do tiras a quente, do laminador de tiras a quente. Para a frente, toda a parte para frente, era do departamento de chapas a frio. Então nós processávamos ali chapas finas a frio para a indústria brasileira, processávamos chapas galvanizadas também, processávamos chapas chumbadas e processávamos chapas estanhadas. Então toda a parte de estanhamento, galvanização e chapas a frio era produzida ali por esse departamento de chapas a frio. Então era o departamento que tinha mais de mil homens trabalhando.

V.A.- E o senhor era o subchefe desse departamento.

J.M.- Era subchefe desse departamento.

I.F.- Estanhamento foi uma coisa muito difícil de montar aqui, não foi? Parece que os americanos eram contra.

J.M.- É... E eu, nesse ponto... Eles sempre tiveram um pouco de cuidado com esse negócio da competição com eles, mas entenderam que precisava ter, também, um abastecimento do mercado de folhas-de-flandres, para abastecer o mercado de latas.

I.F.- Fizeram uma certa resistência, tiveram que lutar bastante para conseguir.

J.M.- É. A primeira linha, que quando eu cheguei já estava construída, era uma linha muito versátil, muito flexível, mas era uma linha de baixa produção. Ela produzia no máximo 300 mil toneladas de folha-de-flandres por ano. Hoje, só de folha-de-flandres, produz mais de um milhão, 1.100.000 toneladas. Tem seis linhas. Essa linha era uma linha muito boa, mas era uma linha um pouco pequena para... .

I.F.- O senhor não soube dessa campanha americana contra? As dificuldades que a CSN teve que enfrentar...

J.M.- Não, porque foi montada pelo pessoal da United States Steel, que tinha a patente do processo de estanhagem. O tipo que nós montamos aqui era o processo da United States Steel, que cobrava *royalties* por cada tonelada de folha-de-flandres que ela produzia. Então ela obrigou que a CSN adotasse o tipo que ela...

V.A.- A tecnologia.

J.M.- A tecnologia dela. Depois é que nós acabamos saindo desse *royalty*.

V.A.- E quando foi isso, o senhor se lembra?

J.M.- Olha, o *royalty* foi em quarenta... Deve ter sido em 44 o acordo com eles, em 45... Quando começou, eram dez anos de *royalties* que tinha que pagar.

I.F.- E como era o relacionamento da CSN com a Light? Porque a Light teve um papel muito importante no atendimento aqui.

J.M.- Não, era muito bom. Era muito bom. A Light tinha um escritório aqui e atendia muito bem a CSN.

I.F.- As negociações todas feitas, para o consumo... Porque teve uma época em que teve um racionamento brabo de energia no Brasil. Eu lembro de um racionamento brabo. Nunca atingiu essa região aqui?

J.M.- Não, atingia sim.

I.F.- É? E como é que fazia para funcionar?

J.M.- Atingia, mas a CSN tinha prioridade. Então deixava de abastecer, talvez, outros locais, para ter concentração.

I.F.- Porque a CSN tem que funcionar 24 horas por dia e não pode faltar energia. Tem um consumo grande de energia.

J.M.- Muito grande.

I.F.- A Light precisou fazer obras para aumentar a produção para poder atender a CSN, ou já estava tudo pronto?

J.M.- Ela precisou fazer obras, sim, muitas obras por aí.

I.F.- Agora: uma curiosidade minha. Qual é a diferença entre um forno elétrico, que dizem que era muito usado na Suécia, e o forno convencional usado aqui na CSN?

J.M.- O forno convencional...

I.F.- É de carvão, coque, é isso? Não sei.

J.M.- Convencional deve ser, deve ser isso. Porque, para a fabricação de aço normal em uma siderúrgica naquela época, era forno a coque — alto-forno, como se diz, alto-forno. Agora, na... Suécia...

I.F.- Na Suécia usam forno elétrico?

J.M.- É, porque o aço da Suécia era um aço especial, e para ter aço especial tem que ter forno elétrico.

V.A.- Como assim, especial?

J.M.- Porque o forno elétrico tem uma condição de purificação do aço, de remover as impurezas do aço, muito maior do que um alto-forno, que pega assim uma análise média de um teor médio das impurezas que tem no aço. O forno elétrico purifica muito mais, tem condição de purificação muito maior do que...

I.F.- Nunca se pensou em usar o forno elétrico?

J.M.- Hoje em dia estão usando muito forno elétrico, porque o conceito, por exemplo, de mini-usinas... está — se usando muito o forno elétrico.

V.A.- Mas aqui na CSN, não.

J.M.- Aqui existe na fundição. As peças especiais que são fabricadas e muitas vezes usadas no alto-forno... E precisa ser uma peça muito mais apurada; então eles fazem na fundição, que tem o forno elétrico.

I.F.- E esse forno elétrico normalmente é abastecido com que energia?

J.M.- É também energia elétrica da Light.

V.A.- Eu queria fazer uma perguntinha a respeito da vida social aqui, no início de Volta Redonda. O senhor disse que as pessoas viviam para o trabalho. Agora, havia diversão? Que tipo de diversão? As pessoas iam ao cinema...? Como era isso?

J.M.- É, no meu tempo existia só um cinema ali na rua 40.

V.A.- Aqui em Volta Redonda?

J.M.- Aqui em Volta Redonda. Um cinema na rua 40. É transversal à rua 33, aquela rua principal. E o pessoal ia lá.

V.A.- E o senhor freqüentava?

J.M.- Raramente.

V.A.- Qual era o seu lazer aqui? Não havia lazer?

J.M.- Não. Aqui não havia lazer nenhum, aqui era só visitar um ou outro, a casa de um amigo ou outro. Fora isso a gente ia para Barra Mansa, por exemplo, nos sábados e domingos. Barra Mansa tinha um clube, o clube da cidade, ali naquela praça, então a gente freqüentava lá.

I.F.- E quando o senhor construiu essa casa e veio morar aqui?

J.M.- Essa casa foi construída... Estas quatro casas, inclusive a do Renato Azevedo, foram construídas em 1959. Eu me casei em 58, então pleiteei uma casa para a companhia e fui... A companhia me deu um apartamento lá no Hotel Bela Vista, onde fiquei um ano esperando acabar essa casa. Aí quando acabou essa casa, no fim de 1959, eu ganhei essa casa; quer dizer, pagava aluguel — a companhia cobrava um aluguel e eu pagava o aluguel.

I.F.- E depois comprou.

J.M.- É. Em 1974... 73 eu comprei essa casa, porque aí ela pôs à venda todas as casas dela.

I.F.- Que no começo eram propriedades da CSN. Tinham, vamos dizer assim, o uso com o aluguel, depois passaram a ser proprietários.

J.M.- Exato.

I.F.- E o senhor tem quantos filhos?

J.M.- Eu tenho quatro filhos.

I.F.- Já nasceram todos aqui?

J.M.- Nasceram todos aqui, no hospital da CSN. Um está doutor em geofísica, formado em Denver, no Colorado, onde estudou o Ermírio de Moraes.

V.A.- Um dos filhos... Ele está lá em Denver?

J.M.- Não, ele já veio e hoje trabalha na UNF, Universidade Norte Fluminense. Ele é pesquisador lá e é assessor do diretor da UNF. E tem outro que é formado em veterinária; o outro é engenheiro mecânico, trabalha no Rio e o outro é comerciante.

I.F.- Aqui?

J.M.- Aqui em Volta Redonda.

I.F.- São só dois que ficaram por aqui.

J.M.- Ele tem lojas de fotografia de uma hora — daquelas máquinas que revelam fotografias em uma hora.

V.A.- São todos homens?

J.M.- Todos homens, quatro homens. Agora, as netas, quatro netas, todas mulheres.

V.A.- Está certo. Para compensar, não é isso?

J.M.- Isso. E a nora esperando o último agora, desse que está na UNF.

I.F.- Ainda não sabe se é homem ou se é mulher?

J.M.- Ela não quer saber. [risos]

I.F.- Agora, como é que foi, para os moradores daqui, a mudança de distrito de Barra Mansa para município?

V.A.- A emancipação.

I.F.- A emancipação de Volta Redonda? O senhor já pegou isso em 54.

J.M.- Já. Peguei isso e o pessoal gostou muito, porque Volta Redonda estava crescendo muito e Barra Mansa ficando assim um pouco para trás e absorvia muita coisa que a gente produzia em Volta Redonda. Então a reivindicação do pessoal era tornar independente Volta Redonda.

I.F.- O senhor diz pessoal por que? O senhor não se metia nisso?

J.M.- Não. Eu trabalhava e... Para mim era interessante, porque também ficava um negócio mais Volta Redonda do que... Era difícil, tudo era tratado em Barra Mansa. A estrada muito precária, a viagem para lá demorava muito, e o ônibus era aquele ônibus... estrada toda esburacada.

I.F.- Aí começou a ter que ter vereador, prefeito, a política na vida de Volta Redonda...

J.M.- É. Isso por um lado foi bom e por outro lado foi ruim, porque começou sindicato a querer fazer pressão, chegou até em 1964 a ter aí um... Quando foi a revolução, houve uma coisa muito séria por parte do pessoal da esquerda e a companhia... Nós fomos obrigados a dormir na usina, prevendo aquela situação de sindicato de esquerda, aquele pessoal todo.

I.F.- Quando começou a ter influência de esquerda aqui dentro?

J.M.- Ah, isso foi na época de... no fim da década de 50.

I.F.- Antes não tinha nada?

J.M.- Antes, não, não tinha nada. Antes era uma calma, não tinha greve, não havia nada. Era todo mundo trabalhando para a usina. Depois, quando começou essa parte de esquerda, começou a envolver com sindicatos e tudo, é que começou a tumultuar.

I.F.- Agora, Getúlio Vargas teve influência muito grande na vida de Volta Redonda. Como foi a repercussão da morte dele aqui, dentro da cidade, em 1954?

J.M.- Ah, foi muito triste. Foi muito triste. O pessoal ficou extremamente chocado, embora se previsse aquela coisa que o envolveu. Mas foi muito chocante.

I.F.- Porque, inclusive, a usina chama-se Usina Presidente Vargas. Ele teve um envolvimento, ele veio aqui, ele montou... Embora a inauguração tenha sido depois da queda dele, mas o nome dele ficou muito ligado à usina.

J.M. – Exato.

V.A.- Ele veio para cá no 1º de maio de 53. O senhor se lembra disso? Que ele veio comemorar o 1º de maio?

J.M.- Eu me lembro dele.

V.A.- Como é que foi ? O senhor chegou a vê-lo?

J.M.- Foi uma festa. Eu acho que eu vi sim, quando ele passou pela laminação assim rapidamente, foi no alto-forno. Eu tenho vaga memória dessa parte, mas eu me lembro que ele veio e foi uma festa muito grande, o pessoal todo foi, o levaram lá na usina, foi comemorado, houve muita coisa lá.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F.- O senhor nunca pensou em sair daqui de Volta Redonda, trabalhar em outro lugar, morar em outro lugar?

J.M.- Uma vez, depois de aposentado, eu pensei em ir para os Estados Unidos com a minha família, porque eu sabia que havia muita necessidade de pessoal lá no BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento, e eu tinha ido lá no escritório do Rio de Janeiro e tive boa receptividade lá.

I.F.- No escritório do BID no Rio de Janeiro?

J.M.- No Rio de Janeiro. Eu tinha um amigo que trabalhava no BID, então esse amigo fez os primeiros contatos lá, e a ponte já estava feita. Mas, por circunstâncias de viagem, eu tive que viajar para os Estados Unidos e, na volta, eu ia me encontrar com esse amigo em Washington, mas houve um contratempo e eu não tive oportunidade de passar em Washington, tive que voltar direto para o Brasil. E esse encontro, que ia reforçar essa parte, ficou desfeito. E aí o tempo foi passando e tal... Minha mulher depois quis ir fazer um curso na Inglaterra, até fez, também, todos os preparativos, já estava com passagem reservada, e na última hora também houve um contratempo e não pôde ir. Mas essas foram as duas vezes em que eu pensei em sair.

I.F.- Aposentou-se e leva a sua vida aqui?

J.M.- É, levo a vida aqui.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A.- [Gravando simultaneamente em vídeo] Entrevista com o dr. José Moraes.

I.F.- Volta Redonda, no dia 8 de dezembro de 1998.

Dr. Moraes, nós gostaríamos de saber qual foi a influência da Companhia Siderúrgica Nacional para o senhor, particularmente, e como o senhor vê a Companhia Siderúrgica Nacional para o Brasil.

J.M.- Olha, a influência da Companhia Siderúrgica para mim, pessoalmente, foi de grande valia, foi uma grande empresa na qual eu me projetei e me realizei, porque eu amava muito a companhia, assim como todo o funcionário da minha época. Também tinha aquele espírito de trabalho e de patriotismo, porque estava não só trabalhando para a Companhia Siderúrgica Nacional, mas estava trabalhando para o Brasil. Então esse era o espírito.

I.F.- E a Companhia Siderúrgica para o desenvolvimento do Brasil?

J.M.- Ah, isso foi de grande influência, porque a Companhia Siderúrgica foi a pioneira da indústria nacional.

I.F.- Foi um marco na vida do país?

J.M.- Um marco no desenvolvimento do país, e a indústria siderúrgica não... A Companhia Siderúrgica ajudou a fazer a indústria automobilística, apesar de já ter naquela época também começado a Usiminas, mas aqui foi a pioneira e sempre se manteve na frente das indústrias siderúrgicas no Brasil.

I.F.- O senhor poderia dizer que foi um Brasil diferente depois da criação da CSN?

J.M.- Ah, foi um Brasil diferente, exatamente.

I.F.- Está ótimo. Muito obrigada então.

[FINAL DE DEPOIMENTO]